



Vol. 19, nº 2 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p86-104

“SEMPRE DE ALGUMA COISA TEMOS MEDO”: OS INTERSTÍCIOS DE SENTIDO NO CONTO *GESTALT*, DE HILDA HILST

“WE ARE ALWAYS AFRAID OF SOMETHING”: MEANING INTERSTICES IN THE SHORT STORY *GESTALT*, BY HILDA HILST

Luan Paredes Almeida Alves¹
Walnice Aparecida Matos Vilalva²

Recebimento do texto: 19/08/2020

Data de aceite: 17/09/2020

RESUMO: Este artigo tem por finalidade analisar o conto *Gestalt*, de Hilda Hilst. Polissêmica e de intenso caráter reflexivo, essa narrativa traz em seu bojo dois personagens aparentemente antitéticos, um porco e um homem, que, após dividirem o mesmo espaço, acabam ressignificando as suas próprias individualidades. Nesse sentido, os atributos diametralmente opostos de Isaiiah, o protagonista, e Hilde, a porca, convergem no final do conto para que eles, que num primeiro momento estavam numa posição de estranhamento, alcancem efetivamente a felicidade plena. Nossa hipótese parte da ideia de que os vazios do texto podem ser compreendidos à medida que percebemos os indícios ambíguos deixados pelo narrador como um indicativo para problematizar a identidade de gênero da personagem central.

PALAVRAS-CHAVE: *Gestalt*; Hilda Hilst; identidade de gênero; dialética atorial.

ABSTRACT: This article aims to analyze the short story *Gestalt*, by Hilda Hilst. Polysemic and intense in its reflective character, this narrative brings in its core two apparently antithetical characters, a pig and a man, who, after sharing the same space, end up reframing their own individualities. In this sense, the diametrically opposed attributes of Isaiiah the protagonist and Hilde, the sow, converge at the end of the tale so that they, who were at first in a strangeness, effectively achieve full happiness. Our hypothesis starts from the idea that the voids of the text can be understood as we perceive the ambiguous clues left by the narrator as an indication to problematize the gender identity of the central character.

KEYWORDS: *Gestalt*; Hilda Hilst; gender identity; actorial dialectic.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT), sob a orientação da Profa. Dra. Walnice Vilalva. *E-mail:* luanparedes21@gmail.com

² Professora permanente no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT. *E-mail:* walnicev@gmail.com



Introdução

Enveredar pela análise literária é uma tarefa árdua, pois quanto mais se descortina um texto ficcional, mais se atravessam possibilidades de interpretação que nem sempre se afiguram numa primeira leitura. Nesta perspectiva, o analista que se aventura pela diegese de uma obra densa, por vezes, precisa extrapolar os seus sentidos em busca de responder a certas questões levantadas, cujas respostas não se dão de uma maneira tão concreta e evidente. Um exemplo disso seria o conto *Gestalt*, de Hilda Hilst, o qual se evidencia por possuir uma certa concisão própria do gênero, além de uma complexidade narratológica característica da escritora e um conjunto simbólico que tornam suas perspectivas de análise bastante múltiplas.

Publicado em 1977, esse pequeno conto de Hilst lida com questões identitárias de um modo bastante sutil, sem necessariamente partir para um viés didático, com grandes explanações acerca das personagens envolvidas, mas constituindo-se basicamente de um pragmatismo e de uma poeticidade que tornam o seu enredo bastante polissêmico. Por ter uma pequena extensão, torna-se necessário perquirir a narrativa de forma com que todas as partes que a constituem possam ser evidenciadas, justamente para não correr o risco de se prender apenas ao que é muito aparente. Nesse sentido, de acordo com Silviano Santiago, a análise do texto literário constitui-se como um exercício bifásico, “às vezes sucessivo, às vezes paralelo, em que, de um lado, um processo primeiro de decomposição do objeto molda-se, por outro lado, há um processo de recomposição que explica ou explicita o significado do objeto” (SANTIAGO, 2000, p. 201).

Tendo em vista isso, a ação de decompor, indo de casos particulares ao geral, configura-se como uma boa forma de atribuir significado ao texto



sem ter o inconveniente de perder os pormenores que influenciam a diegese do conto. Resta-nos, agora, o trabalho de organizar tal atividade em um todo coerente e passível de validação. No caso de *Gestalt*, partiremos da ideia de que as duas personagens centrais – Isaiah/humano e Hilde/porco – possuem uma relação inicial formada por duas instâncias diametralmente opostas, que, até o final da narrativa, tornam-se parte de um jogo simbólico para a confluência entre corpo e mente, perpassando todo um contexto calcado na ideia de autodescoberta e aceitação. Nesse ínterim, para entender todo esse processo, partiremos de uma cautelosa investigação em torno dos signos que identificam as personagens para entender a maneira como é construída essa relação, até chegar ao momento exato em que ocorre a união dessas duas forças contrárias, as quais resultarão, posteriormente, na felicidade plena tanto de Isaiah, quanto de Hilde.

Lacunas e expatriamento de sentidos

Hilda Hilst (1930-2004) foi uma poeta, romancista, contista, cronista e dramaturga brasileira. No início da sua vida literária, empenhou-se em produzir obras consideradas pela crítica como sendo de cunho bastante filosófico, as quais tinham por base preocupações essencialmente existenciais. Cansada de ser lida apenas por um nicho muito específico de leitores, na década de 1990, tomou um caminho diferente do que estava acostumada a fazer. Após lançar a chamada tetralogia obscena, formada por *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d'escárnio/Textos grotescos* (1990), *Cartas de um sedutor* (1991) e *Bufólicas* (1992), Hilst firma-se no cenário nacional por suas obras pornográficas. No caso do conto *Gestalt*, foco da nossa análise, ainda encontramos a autora em uma fase bastante formal,



mas os temas voltados a questões de gênero já aparecem, mesmo que sob uma camada imagética intrincada e um fluxo de consciência que torna o seu discurso bastante fragmentário, além de hermético.

À primeira vista, o que salta aos olhos logo no início do conto é o seu título singular. O termo *Gestalt*, de origem alemã, não é facilmente traduzível para o português, mas é comum, por aproximação, traduzi-lo como “forma”, “aparência”, “configuração”. Essa doutrina filosófica propõe, em oposição ao chamado atomismo, a ideia de que, para compreender as partes, devemos antes compreender o todo. Usada tanto nas artes plásticas quanto na Psicologia, essa linha de pensamento apoia-se na ideia da percepção, isto é, na maneira como atribuímos significados a certas formas externas, trabalhando justamente nesse liame entre o indivíduo que percebe e o objeto percebido. É claro que, por ser um conceito bastante complexo, fica em aberto o motivo de o conto ser intitulado assim. É justamente nessa abertura que nos aparece a primeira lacuna que precisa ser preenchida por quem lê a narrativa. Eis aí o primeiro espaço em branco do texto, assim definido por Umberto Eco:

O texto está, pois, entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões. Antes de tudo, porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu; e somente em casos de extremo formalismo, de extrema preocupação didática ou de extrema repressividade o texto se complica com redundâncias e especificações ulteriores – até o limite em que se violam as regras normais de conversação. Em segundo lugar, porque à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar (ECO, 1988, p. 37).



Com base nessa afirmação do semiólogo supracitado, entendemos que a alusão a uma corrente filosófica como título para o conto serve não apenas para cumprir um protocolo de nomeação da narrativa, mas também para criar um jogo de significação. Após concluirmos nossas conjecturas sobre *Gestalt*, ficará ainda mais evidente a motivação para seu uso como título, que, a princípio, aparece-nos isolado de qualquer circunstância, dado que o termo não é mencionado dentro do texto. Tendo em vista isso, passemos para o introito do conto hilstiano que inicialmente já vem dotado de um grande simbolismo, além de todo um jogo imagético envolvendo figuras geométricas, como podemos observar:

Absorto, centrado no nó das trigonometrias, meditando múltiplos quadriláteros, centrado ele mesmo no quadrado do quarto, as superfícies de cal, os triângulos de acrílico, suspensos no espaço por uns fios finos os polígonos, Isaiah o matemático, sobrolho peluginoso, **inquietou-se quando descobriu o porco**. Escuro, mole, seu liso, nas coxas diminutos enrugados, existindo aos roncões, e em curtas corridas gordas, desajeitadas, o ser do porco estava ali (HILST, 2000, p. 303, grifo nosso).

Nota-se que o conto começa de um modo abrupto, sem preâmbulos. Na sua abertura temos o protagonista envolto numa atmosfera de reflexões matemáticas. Isaiah, em seu quarto, medita sobre questões de natureza cognitiva, imbuído em cálculos geométricos. A única característica mencionada sobre essa personagem relaciona-se ao seu semblante concentrado, sua sobrancelha peluginosa, característica que intensifica a sua condição absorta. Nesse contexto, dentro do quarto em que se situa Isaiah, surge então o primeiro expatriamento de sentido da narrativa: a descoberta do porco. Sem qualquer apresentação, a figura de um animal surge no âmbito da privacidade do protagonista, e a sua existência gera toda uma reviravolta na



psique desse matemático que até então estava apenas preocupado com o plano das abstrações.

A princípio, o que subverte os sentidos da aparição do animal, dentro do plano da enunciação da narrativa, é o verbo *descobrir*. O porco não foi comprado, não foi dado de presente a Isaiiah, mas sim descoberto. Nesse momento abre-se mais um interstício que só pode ser preenchido a partir do momento em que se entende a razão para a existência daquele animal no quarto da personagem. O fato de o porco estar ali abre espaço para que o protagonista comece a tecer reflexões em torno dessa inesperada presença. Nesse ínterim, logo num primeiro momento, Isaiiah começa a fazer uso de um axioma do filósofo Espinosa para compreender esse fenômeno incomum, como podemos observar: “E porque o porco efetivamente estava ali, pensá-lo parecia lógico a Isaiiah, e começou pensando spinosismos: ‘de coisas que nada tenham em comum entre si, uma não pode ser causa da outra’” (HILST, 2000, p. 303).

Tal atitude é bastante condizente com o *modus operandi* de um matemático. Na incompreensão do porquê do porco, Isaiiah tenta estabelecer um alicerce lógico para identificar o motivo da aparição. Apelando para o racionalismo do filósofo holandês Baruch de Espinosa, a personagem parte da conjectura de que a sua existência não pode ser a causa da existência do porco, posto que ambos são entidades que não possuem coisas em comum. Na concepção de Espinosa, “tudo o que existe ou existe em si e é concebido por si (é inteligível), ou existe noutra coisa e é concebido por outra coisa (sua inteligibilidade depende da inteligibilidade de outra coisa)” (SOUSA, 2009, p. 30).

Todavia, no momento em que o protagonista põe em xeque o liame entre a sua existência e a do porco com o spinosismo utilizado, ele percebe



que não seria viável esse pensamento de casualidade, dado que a existência do porco era evidente, e de nada adiantava indagar sobre a sua causa ou a sua relação consigo mesmo, como podemos notar no seguinte excerto:

Mas aos poucos, reolhando com apetência pensante, focinhez e escuros do porco, considerou inadequado para o seu próprio instante o Spinoza citado aí de cima, acercou-se, e de cócoras, de olho-agudez, ensaiou pequenas frases tortas, memorioso: se é que estás aqui, dentro da minha evidência, neste quarto, atuando na minha própria circunstância, e efetivamente estás e atuas, dize-me por quê (HILST, 2000, p. 303).

Quando se indaga algo a alguém, normalmente espera-se que haja uma resposta. No caso do questionamento de Isaiiah, a pergunta foi em vão. O porco, cuja existência efetivou-se para o protagonista, aparece como um incômodo no início. O matemático até tenta tratá-lo como um animal doméstico, mas o animal, desorientado, apenas soube se afastar por instinto. Terminada a abordagem inicial, Isaiiah apenas se conforma e trata de cuidar do porco, oferecendo comida e água. Logo em seguida, a personagem retoma a sua tarefa que antes fora interrompida. Desligado do que ocorre fora de si, Isaiiah embrenha-se religiosamente no mundo das ideias matemáticas, como se exercesse a função de sacerdote em culto a uma divindade, tanto que o narrador descreve que seus cálculos são feitos “com tinta roxa, cerimoniosa, canônica, limpo bispal” (HILST, 2000, p. 304). Esse efeito de estranhamento, aqui provocado pelas atitudes das personagens e pela linguagem que as descreve, assim é explicitado por Eco:

O efeito de estranhamento ocorre desautomatizando-se a linguagem: a linguagem habituou-se a representar certos fatos segundo determinadas leis de combinação, mediante fórmulas fixas. De repente um autor, para descrever-nos algo que talvez já vimos e conhecemos de longa data, emprega as palavras (ou outros tipos de signos de que se vale) de modo diferente. A nossa



primeira reação se traduz numa sensação de expatriamento, numa quase incapacidade de reconhecer o objeto, efeito esse devido à organização ambígua da mensagem em relação ao código. A partir dessa sensação de “estranheza”, procede-se a uma reconsideração da mensagem, que nos leva a olhar de um modo diferente a coisa representada, mas, ao mesmo tempo, como é natural, a encarar também diferentemente os meios de representação e o código a que se referem (ECO, 1971, p. 71).

Toda essa “sensação de expatriamento” em torno da relação homem/porco, que nos leva a reconsiderar alguns elementos do nível fabular de *Gestalt*, começa a ser parcialmente elucidado no instante em que Isaiah para e observa o porco, o qual se encontrava infeliz, em um canto. A identificação entre as duas personagens ocorre quando Isaiah, ao olhar para o animal cujos olhos estavam com um “aguado-ternura”, reconhece a si mesmo na infância. Ficamos cômicos, logo em seguida, da maneira como os pais o tratavam e da diferença de opiniões entre o pai e a mãe do matemático. O fato de ambos falarem uma mistura entre alemão e português denota que eles são estrangeiros, o que explicaria o nome “Isaiah” do protagonista: “*Immer krank* parece, *immer krank*, sempre doente parece, sempre doente, é o que pai dizia na sua língua. É doença não é, Hilde? Hilde, sua mãe, sorria, *Ach nein*, é pequeno, é criança, e quando ainda somos assim, sempre de alguma coisa temos medo, não é doença Karl, é medo” (HILST, 2000, p. 304).

O rápido *flashback* não nos permite inferir muito acerca do motivo da aparência do protagonista, na infância, estar de algum modo relacionada a uma doença ou medo. Todavia, é evidente que Isaiah não teve uma infância convencional, isto é, havia algo de atípico no seu comportamento, que provavelmente o fazia sofrer, posto que só lembrou disso depois de olhar para os olhos tristes do porco. No momento em que há essa identificação entre Isaiah e o animal, o matemático começa novamente uma aproximação, mas dessa vez muito bem-sucedida. Assim, no instante em que ambos se



encontram e se aceitam, ele descobre que o porco, na verdade, é uma porca. Seguidamente, a porca ganha o nome de Hilde, em homenagem à mãe, e, antes de findar, o narrador evoca uma imagem intrigante que envolve esposais num domingo de manhã. Seguidamente, temos o desfecho em que ambos se tornam plenos e felizes.

Dentro desse plano descritivo, o conto, quando chega ao seu final, traz um conjunto imagético que suscita muitos pensamentos acerca das suas interpretações. A aparência doentia na infância, o gênero do porco, o motivo de Isaiah se reconhecer em Hilde, os esposais, além da razão da plenitude das personagens geram um encadeamento de possibilidades de leitura que só pode ser resolvido a partir de uma conjectura que una todas essas instâncias. Resta-nos inferir como esse jogo de imagens aparentemente contraditório consegue conformar uma análise que atenda a toda essa mescla de significação que desponta da narrativa.

O porco, a dialética atorial e o mundo ôntico-ontológico

Findada a leitura inicial, o que se observa no conto *Gestalt* e que se apresenta como ponto nevrálgico para a intelecção do enredo é justamente esse liame entre um homem e um animal incomum, que é o porco. Nesse sentido, o relacionamento pouco usual entre Isaiah e Hilde provoca no leitor a ideia de que o pequeno suíno não se apresenta na narrativa de modo convencional, ou que não deveria ser interpretado como um simples recurso estilístico adotado pela contista. A sucessão de acontecimentos, que vai desde a descoberta do porco até os esposais num domingo de manhã, perpassa uma série de ressignificações que nos faz indagar sobre a razão desse quadrúpede ter sido escolhido para ser companheiro do matemático.



No âmbito do simbólico, o porco em sua essência é um animal normalmente tido como impuro. Caso pensemos na tradição judaica, por exemplo, ou no próprio Islamismo ou Hinduísmo, religiões tanto ocidentais quanto orientais, percebemos que a sua significação está quase sempre relacionada ao profano, ao sujo. No Cristianismo os porcos são vistos como uma alegoria para a ignorância, a ingratidão: “Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e voltando-se vos despedacem”, já diria a máxima dos evangelhos, pensando justamente na ideia desse animal como ser amoral, sem discernimento (BÍBLIA SAGRADA, 2012, p. 1065).

Outra conjectura que podemos formular em torno da personagem, no que diz respeito a um intertexto religioso, gira em torno do seu nome incomum. Isaiiah, caso fosse aporuguesado, seria equivalente a Isaías, o que remonta ao profeta judeu cuja história está presente nos livros proféticos das escrituras hebraicas (ou Antigo Testamento, se formos pensar pelo prisma cristão). Aí entra uma hipótese quanto à influência do simbolismo judaico dentro da narrativa. Algo que fortalece esse pensamento é o uso de Espinosa como base para as reflexões do protagonista. Pela história, sabe-se que Baruch de Espinosa foi um filósofo racionalista judeu que, por seus pensamentos pouco ortodoxos sobre a figura de Deus, acabou sendo segregado da comunidade judaica a que pertencia. Ainda dentro desse conjunto, a figura do porco tem grande influência na história dos hebreus, dado que, pela Torá, a eles era restrito seu consumo.

Entrementes, caso pensemos nesse vocábulo enquanto adjetivo, ser porco, é ser imundo ou sem-educação. Vastas são as possibilidades de leitura desse signo, seja dentro de um plano gramatical ou cultural, mas sempre fica destacada a carga semântica negativa da sua existência. Pensando nisso, Hilde



demonstra ser uma personagem cuja participação no conto dá-se de forma assimétrica em relação a Isaiiah. Para entender isso, basta ver o quão diametralmente opostos estão os atributos dos dois personagens. Enquanto o matemático é um ser humano, autossuficiente, constituído de memórias e passado; Hilde é uma porca que necessita de cuidados, não possui memória, história ou qualquer indício sobre seu passado e, o mais importante: ela é caracterizada com inúmeros atributos físicos, ao contrário de Isaiiah, que sempre é descrito no âmbito da sua consciência, das suas digressões, suas reflexões. Vejamos alguns trechos em que isso ocorre:

Escuro, mole, seu liso, nas coxas diminutos enrugados, existindo aos roncões, e em curtas corridas gordas, desajeitadas, o ser do porco estava ali. [...]. Nas quatro patas um esticado muito teso, nos moles da garganta pequeninos ruídos gorgulhantes, o porco de Isaiiah absteve-se de responder tais rigorismos, mas focinhou de Isaiiah os sapatos, encostou nádegas e ancas com alguma timidez e [...] disparou outra vez num corre gordo, desajeitado, e de lá do outro canto novamente um esticado muito teso e pequeninos ruídos gorgulhantes (HILST, 2000, p. 303-304).

Notadamente, a corporificação é a característica mais evidente de Hilde. Seu corpo diminuto, enrugado, desajeitado, escuro, mole, todos esses adjetivos, voltados à porca, não aludem a sua psique, apenas para seu exterior. Já Isaiiah constitui-se apenas pela sua subjetividade, não temos grandes informações sobre a sua compleição física. Após percebermos esses atributos opostos em relação a eles, podemos presumir que há uma força dialética que serve de mote para a narrativa. Ademais, essas oposições não percorrem todo o conto, pois no final há uma conciliação entre animal e homem, que alegoricamente vem sob a égide do termo “esponsais”, que significa noivado, proposta de união.



Vol. 19, nº 2 (2020)

Lancemos então a hipótese de que a força-motriz de *Gestalt* gira em torno de uma dialética ao nível atorial, isto é, ao nível das personagens. Dentro dessa conjectura, a condição ontológica de Isaiah molda-se no momento em que encontra seu oposto, no caso, a porca Hilde. Essa união entre tese e antítese no binômio homem/porco, gera a síntese que é definida pelo desfecho do conto. Observemos que Isaiah só passa a aceitar o animal no momento em que ele se vê refletido nele, e para isso há a imagem do “aguado-ternura nos dois olhos”. Eis mais um ponto de destaque na diegese: a síntese narcísica. Os olhos aguados, lacrimosos, refletores que incidem diretamente sobre o passado do matemático nos relembra a ideia de que o protagonista humano só aceita o que lhe era incômodo quando reconhece que Hilde é sua semelhante. Como podemos observar:

Isaiah foi adoçando a voz, vou te dar um nome, vem aqui, não te farei mais perguntas, vem, e ele veio, o porco, a anca tremulosa roçou as canelas de Isaiah, Isaiah agachou-se, redondo de afago foi amornando a lisura do couro, e mimos e falas, e então descobriu que era uma porca o porco. Devo dizer-lhes que em contentamento conviveu com Hilde a vida inteira. Deu-lhe o nome da mãe em homenagem àquela frase remota: sempre de alguma coisa temos medo. E na manhã de um domingo celebrou esponsais (HILST, 2000, p. 304).

Esse narcisismo momentâneo coincide exatamente no instante em que ambos os personagens de características antitéticas passam a se aceitar. Todavia, a análise textual não se encerra apenas nessa confluência entre Isaiah e Hilde, no que diz respeito à aceitação mútua, mas ainda possui um aspecto que se sobressai em relação à última parte do conto, que a depender do viés de leitura, pode abrir margem para uma compreensão um pouco mais imanente na condição do matemático e da porca, a saber: “Um parêntese devo



me permitir antes de terminar: Isaiiah foi plena, visceral, lindamente feliz. Hilde também” (HILST, 2000, p. 304).

Isaiiah só percebe o real sexo do porco a partir do momento em que ele não mais faz perguntas e passa a se aproximar afetosamente do animal, que é batizado com o nome da mãe. Notamos que a porca a partir dali entra em sintonia com Isaiiah. Mas o que chama a atenção no conto, além dessa descoberta do gênero do porco, está em dois excertos, no caso, “conviveu com Hilde a vida inteira” e “Isaiiah foi plena, visceral, lindamente feliz”. É certo que essas ambiguidades não são gratuitas no texto. Uma porca dificilmente viveria tanto quanto um ser humano. Talvez até possamos pensar que a sentença foi hiperbólica, apenas com o intuito de dizer que eles viveram juntos por muito tempo, e não a vida inteira. Assim como podemos pensar que o termo “plena” é um advérbio de modo (classe morfológica invariável), por consequência a palavra não refletiria o gênero de Isaiiah.

Todas essas reflexões construídas abrem margem para supor que a relação entre as duas personagens está para além da simples união entre um homem e seu animal de estimação. A quebra que se resulta ao sabermos do real gênero de Hilde, o fato de ela ser nomeada assim por conta da frase materna “sempre de alguma coisa temos medo”, que, aliás, demonstra bem que a única pessoa condescendente na vida dele era a mãe, que não interpretava sua condição como doença, isto é, de toda essa mescla de situações emerge uma ambiguidade capaz de ressignificar em um nível mais profundo tudo o que está na superfície mais aparente do texto. Essa característica é muito forte no estatuto adotado pela literatura, que, Segundo Roland Barthes:

Cada vez que não se fecha a descrição, cada vez que se escreve de um modo suficientemente ambíguo para deixar fugir o



Vol. 19, nº 2 (2020)

sentido, cada vez que se faz como se o mundo significasse, sem, entretanto, dizer o quê, então a escritura liberta uma pergunta, ela sacode o que existe, sem, entretanto, nunca pré-formar o que ainda não existe, ela dá sopro ao mundo (BARTHES, 1970, p. 171).

Identificada a ambiguidade no texto, partamos para uma reflexão que nos ajuda a investigar essas nuances do conto. Tomemos, como premissa inicial, que a porca viveu tanto tempo quanto Isaiah, o que não seria tão improvável. Ademais, aceitemos também que o termo “plena” que se refere a Isaiah não seja um advérbio de modo, mas um adjetivo. Estabelecendo isso, não é difícil pensar que o porco não é apenas um quadrúpede, mamífero, que de um dia para o outro é descoberto por Isaiah. Sua condição está para além do que vemos como convencional, isto é, já é um tanto insólita. Percebamos também que o gênero do porco importa, posto que Isaiah, que até então era identificado como matemático, na nossa conjectura, ao final do conto, passa a ser adjetivado com “plena”, que seria um adjetivo flexionado no feminino.

Tendo em vista isso, e também do fato de que Isaiah é caracterizado pela psique e o porco pela compleição física, podemos inferir que Hilde está de alguma forma relacionada com a ausência de características corpóreas do matemático. Assim como, no momento em que o porco é reconhecido como porca, a adjetivação de Isaiah também passa para o feminino. Nesse sentido, é fácil estabelecer que há uma união entre duas instâncias no que se referem aos dois personagens a partir do momento em que ambos se aceitam. Se olharmos para o termo “porco”, para a sua sonoridade e para as letras que compõem o vocábulo, perceberemos que “porco” é anagrama para “corpo”, o que constituiria um fenômeno paronomástico. Se o porco for uma alegoria para o corpo, isso explicaria essa discrepância de adjetivação dos



personagens, e também fortaleceria a ideia de que Hilde não é apenas uma simples porca.

Trocando em miúdos, o porco, que na verdade era porca, representaria nesse viés o próprio corpo de Isaiiah, no qual ele não se reconhecia. Os pais, ainda na infância do protagonista, viam a sua condição como sendo atípica, provavelmente devido a seu comportamento que não estava em conformidade com o que habitualmente reconheceríamos como próprios de uma criança do sexo masculino. O porco precisa que alguém o alimente, dê água, limpe-o, tal qual o corpo que é dominado pela mente. Isaiiah, em suas características puramente subjetivas, exerce funções abstratas, como expressar linguagem, formular axiomas, lembrar seu passado. São duas instâncias dependentes, mas que na narrativa estavam em uma posição de estranhamento. Isaiiah não entendia a existência da porca, até tentou se acostumar com ela. Fazia perguntas, racionalizava, mas não tinha respostas. No momento em que ele se reconhece no porco/corpo, para de fazer perguntas, e passa a tratá-lo com carinho, ele percebe que o seu gênero não é masculino, e sim feminino. Nesse instante em que ele reconhece o verdadeiro gênero a qual pertence, tudo passa a fazer sentido. É justamente aí que o conto tem seu desfecho, com Isaiiah tornando-se “plena, visceral, lindamente feliz. E Hilde também”.

Outrossim, após esses esponsais que o conto menciona, ou seja, a união entre os dois paradigmas corpo/mente, a personagem alcança a plenitude. Curiosamente, somos levados a crer desde o início da narrativa que o porco realmente é algo externo a Isaiiah, por mais que a sua existência seja repleta de incertezas. É claro que essa possibilidade não pode ser descartada, todavia, se pensarmos que as reflexões da personagem não eram ônticas, mas sim ontológicas, a situação passa a ganhar um novo ponto de vista.



Dentro da contribuição da fenomenologia de Heidegger (2006) nós temos dois conceitos metafísicos que podem ser úteis para a intelecção de *Gestalt*, a saber: os conceitos de ôntico e ontológico. Na definição do filósofo, o ôntico refere-se ao mundo fenomênico, isto é, ao mundo sensível, dos entes, da concretude da realidade em que se situa tudo o que está ao nosso redor. Já o ontológico refere-se ao ser, a sua subjetividade, a sua existência, formando uma contraposição ao mundo ôntico, externo a ele. Em relação à narrativa, a princípio, o ser (Isaiah) e o ente (porco) aparecem como instâncias diferentes. Nesse sentido, toda abstração da personagem gira em torno do “eu” com o “outro”, logo há uma tendência a se entender a discussão da personagem como sendo a partir de uma interação com o mundo ôntico.

Não obstante, quando se descobre que o porco é uma alegoria para o corpo, o qual forma uma unidade com a psique, vê-se que não há discussão entre “eu” e “outro”, mas uma discussão do ser com o ser, logo, uma discussão ontológica. É justamente essa confusão que nos faz entender o conto de uma maneira diferente daquela que estamos propondo. O leitor que estabelece uma interpretação de caráter ôntico para a narrativa, possivelmente interpretará de outra forma a relação entre o matemático e a porca. Mas caso percebamos que as reflexões trazidas envolvem puramente o âmbito ontológico, grande parte daquelas lacunas envolvendo a insólita aparição de Hilde e a sua influência sobre Isaiah passam a fazer sentido à medida que a percebemos como alegoria, e não como algo externo à existência do protagonista.

Por isso o título *Gestalt*, que traduzido é “forma”, “configuração”. Temos de ir para além da forma, do que é aparente. No momento em que entendemos o todo (unidade corpo-mente), passamos a entender as partes, tal qual propõe essa linha filosófica. É claro que se a perspectiva de quem lê a narrativa partir do princípio de que mente e corpo são unidades separadas,



essa inferência perde o sentido. Todavia, o que corrobora ainda mais com o nosso pensamento é justamente a menção a Espinosa, o qual era um filósofo monista, que entendia a existência como uma única coisa, sem essa divisão platônica entre mundo físico e mundo das ideias. Para ele, corpo e mente formavam uma unidade só, o que fortalece o pensamento holístico de que Hilde e Isaiãh não eram dois seres, mas uma única entidade que estava em conflito consigo mesma, daí a necessidade de se aceitar para poder se tornar “lindamente feliz”.

Considerações Finais

Após concluirmos grande parte dos argumentos que constituem a nossa reflexão sobre *Gestalt*, torna-se um truísmo dizer que esse conto ainda consegue abrir margens para um conjunto de leituras variadas, às vezes até bem diferentes daquela que adotamos nesta análise. Um texto que não se esgota, mesmo tendo tão pouca extensão, demonstra bastante do seu caráter polissêmico. Seus interstícios de sentido são tão vastos e podem ser preenchidos de tantas maneiras que para entender a estranha relação entre Hilde e Isaiãh nos colocamos em um prisma de interpretação que mescla tanto filosofia, quanto concepções gerais acerca do signo do porco no âmbito da semântica e da cultura ocidental. Entrementes, os intertextos religiosos e até uma problematização em torno das questões de gênero foram fundamentais para formular uma possível solução para as confluências resultantes desse relacionamento, que, inicialmente, parecia bastante improvável.

Outrossim, nossa visão sobre as personagens centrais da narrativa, amparada por aspectos trazidos pelo próprio conto e até para além dele – monismo de Espinosa, filosofia da Gestalt-terapia, o mundo ôntico e



ontológico de Heidegger – contribuíram para que todos os expatriamentos de sentido tivessem alguma ligação com o que ocorria na diegese da narrativa. Os indícios ambíguos foram grandes aliados para que pudéssemos unir, sob a égide de uma dialética atorial, a maneira como Hilda Hilst produz tanta gama de sentidos a partir de tão pouca informação, deixando justamente nessas obscuridades do texto, nesses vazios que ansiamos por entender, um propósito que vai para além da fruição literária.

Com a história de Isaiah e Hilde, por sua simplicidade fabular ilusória, acabamos por entrar em um jogo investigativo que, após estabelecermos todo um sistema de conjecturas para a interpretação da narrativa, conseguimos ainda assim sair do conto com a sensação de que, no mundo literário, nada se resolve por inteiro. Todavia, é justamente aí que reside o lado prazenteiro dessa atividade tão significativa na vida de quem entende literatura não apenas como um acessório, mas como uma necessidade.

Referências

- BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012
- ECO, Umberto. **Estrutura Ausente**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HILST, Hilda. Gestalt. In: MORICONI, Ítalo. **Os cem melhores contos brasileiros do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 303-304.



Vol. 19, nº 2 (2020)

SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUSA, André Luís Bonfim. **A relação homem-natureza**: um paralelo entre Espinosa e Feuerbach. 2009. 130f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Ceará.